

Sobre a materialidade textual, a transmissão e a atribuição de um fragmento do *Alcibíades* de Ésquines Socrático

*On the textual materiality, transmission and attribution of a
fragment from the Aeschines Socraticus' 'Alcibiades'*

Carlos Carvalhar*

Resumo: Este artigo pretende demonstrar como se correlacionam indicações diversas na atribuição de um fragmento a um autor e obra, partindo de um exemplo presente no *Alcibíades* de Ésquines de Esfeto, o Socrático. Para isso cobriremos o testemunho presente em Élio Aristides, no qual as anotações paratextuais em seus manuscritos indicam que se trata de uma citação, bem como há um escólio que identifica a obra e o autor da citação, sendo corroborado por uma frase isolada utilizada por Prisciano e pela indicação de Herodiano e Querobosco, além de fragmentos do papiro de Oxirrincos que apresentam uma indiscutível semelhança textual. Ademais, será apresentada a descrição do contexto de transmissão dos manuscritos de Élio e suas edições críticas, além das edições modernas e contemporâneas que recolheram os fragmentos de Ésquines, bem como serão discutidos alguns aspectos editoriais dessas fontes textuais.

Abstract: The aim of this paper is to demonstrate how diverse indications can be correlated in the attribution of a fragment to an author and work, using as example the *Alcibiades* of Aeschines of Sphetus, the Socratic. For this purpose the testimony present in Aelius Aristides will be addressed, where the paratextual annotations in his manuscripts indicate that it is a quotation, as well as there is a scholium that identifies the work and the author of this quotation, being it corroborated by an isolated phrase cited by Priscian and by the indication of Herodian and Choeroboskos, in addition to fragments of the Oxyrhynchus Papyri that present an indisputable textual similarity. Furthermore, a description of the transmission context of the Aristides' manuscripts and their critical editions will be presented, as well as the modern and contemporary editions that collected the fragments of Aeschines, and the editorial aspects of these textual sources will be discussed.

Palavras-chave:

Filologia.
Fragmento.
Papiro.
Manuscrito.
Ésquines de Esfeto.

Keywords:

Philology.
Fragment.
Papyrus.
Manuscript.
Aeschines of Sphetus.

Recebido em: 10/08/2023
Aprovado em: 05/10/2023

* Doutor pelo Programa de Pós-Graduação em Filosofia (PPGF) da Universidade Federal da Bahia (UFBA). Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Filosofia (PPGF) da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Bacharel em Filosofia pela Universidade de São Paulo e em Letras Clássicas pela UFBA.

Introdução

Ésquines de Esfeto fez parte do círculo socrático, porém é ainda um autor pouco conhecido e discutido, em parte por conta do estado de suas obras, as quais foram transmitidas basicamente de forma indireta, muitas vezes por meio de citações ou paráfrases em textos de épocas tardias e até mesmo em latim. Neste artigo, cobriremos apenas um fragmento específico (conhecido como *SSR*, VI.A.50)¹ e trataremos de sua atribuição de autoria, sem discutir o conteúdo do texto, ou seja, o foco será apenas nos aspectos filológicos e na própria materialidade textual, isto é, apresentaremos observações sobre manuscritos, escólio e papiros, bem como edições contemporâneas que apresentam esse fragmento.

Primeiramente, é preciso nos atentarmos que há uma divisão na filologia entre fragmento e testemunho (WEST, 2002, p. 123-124). Fragmento em sentido estrito é apenas um texto escrito em algum suporte corrompido, como um óstraco ou um pedaço de papiro, enquanto testemunho é tudo aquilo que terceiros falam de alguém, podendo ser uma paráfrase anedótica ou uma citação. No entanto, é comum se referir a esse conjunto de informações textuais como fragmentos, em sentido geral, sem fazer essa distinção. Por exemplo, o que temos no *Contra Platão* de Élio Aristides é um testemunho, enquanto que o *P.Oxy.* XIII 1608 é propriamente um fragmento, entretanto, o uso comum da língua se refere aos dois como fragmentos.

O problema então é relativo ao grau de certeza que podemos obter da fonte textual. Uma citação feita por um autor antigo pode mudar uma palavra ou outra ou até mesmo distorcer levemente o conteúdo, sendo o ideal, por isso, ter várias outras fontes que corroborem a mesma passagem, ou haver ao menos uma fonte com o texto integral, como um papiro ou manuscrito completo. Logo, é justamente esse ponto que iremos explorar aqui, ao tratarmos como o fragmento mais extenso de Ésquines é corroborado por fontes diversas, aumentando, assim, a veracidade filológica da atribuição, não só ao nosso autor como à sua obra específica.

Além disso, em termos gerais, a autoria de Ésquines foi questionada até mesmo por seus contemporâneos, pois ele foi acusado de plágio e de ter se apropriado de um conjunto de diálogos escritos pelo próprio Sócrates (Diógenes Laércio, *Vidas e doutrinas*,

¹ Sigo aqui a forma mais difundida de referenciar o fragmento de Ésquines, devido à popularidade da edição do *Socratis et Socraticorum reliquiae (SSR)* de Gabriele Giannantoni, mas trata-se do mesmo fragmento apresentado por Dittmar (1976 [1912]) como #8, e mais recentemente como #76 em Pentassuglio (2017), #1221 em Mársico (2014) e #9 em Carvalho (2023). Como o fragmento é grande demais para apresentar neste artigo, sugiro ao leitor interessado buscar as edições citadas, sendo que em Carvalho (2023, p. 38-46) há a indicação da paginação delas, bem como a tradução em português e a apresentação do texto original em grego.

II, 7, 60-61). Contudo, mesmo tendo sua reputação atacada, sua obra foi copiada, de papiro a papiro (e quiçá pergaminho), ao longo da Antiguidade. No entanto, é impossível datar quando exatamente ela foi perdida, sendo apenas possível identificar a possibilidade de que seu *Alcibíades* ainda existisse até o século IX de Querobosco e que talvez tenha resistido até por volta do século XIII ou XV, devido ao fato de o escoliasta conseguir identificá-lo (o que, na verdade, não é um indício forte, pois ele poderia apenas reproduzir uma anotação mais antiga presente em outro manuscrito mais antigo). Ou seja, como tantas outras obras antigas, a transmissão do *Alcibíades* de Ésquines se perdeu em algum momento ao longo da passagem da Antiguidade para o período medieval.

As edições de Élio Aristides e seus manuscritos

A fonte principal desse fragmento é a citação que Élio Aristides fez em seu já referido discurso *Contra Platão: em defesa dos quatro*.² Élio foi um autor da Segunda Sofística, século II, que escreveu contra o julgamento negativo que Platão (*Górgias*, 503c-d) fez em relação a quatro generais: Péricles, Címon, Milcíades e Temístocles. Essas quatro lideranças, pelo ponto de vista platônico, tornaram os cidadãos piores do que eles eram antes, enquanto Élio escreveu seu livro a favor dos quatro, usando Ésquines para demonstrar que haveria algo de bom em Temístocles e que ele não deveria ter sido rechaçado como Platão o fez.

A última edição crítica da obra completa de Élio Aristides foi publicada em 1976 por Friedrich Lenz e Charles Behr,³ sendo que foram utilizados 73 manuscritos principais, 161 suplementares e dois papíros,⁴ apresentando um amplo aparato crítico que destaca as variações textuais encontradas nessas diversas fontes. Apesar disso, os manuscritos de Élio tem uma tradição complexa e que não foi bem estudada até o momento (LENZ;

² O título original é Πρὸς Πλάτωνα ὑπὲρ τῶν τεττάρων, mas esse discurso também é conhecido como *Pro quattuor uiris*, ou *Oratio XLVI* (seguindo edições mais antigas, como em DINDORF, 1829a, p. 156 *et seq.*), ou mesmo como o terceiro dos *Discursos platônicos*, termo preferido em edições mais novas, como a da Loeb Classical Library (TRAPP, 2021, p. 1 *et seq.*) ou da Gredos (GASCÓ; VERGER, 1987, p. 257). O fragmento de Ésquines se encontra entre os parágrafos 348 e 349, os quais também são referenciados pela paginação de edições mais antigas, como Jebb (1730, p. 221-223) ou Dindorf (1829a, p. 292-294).

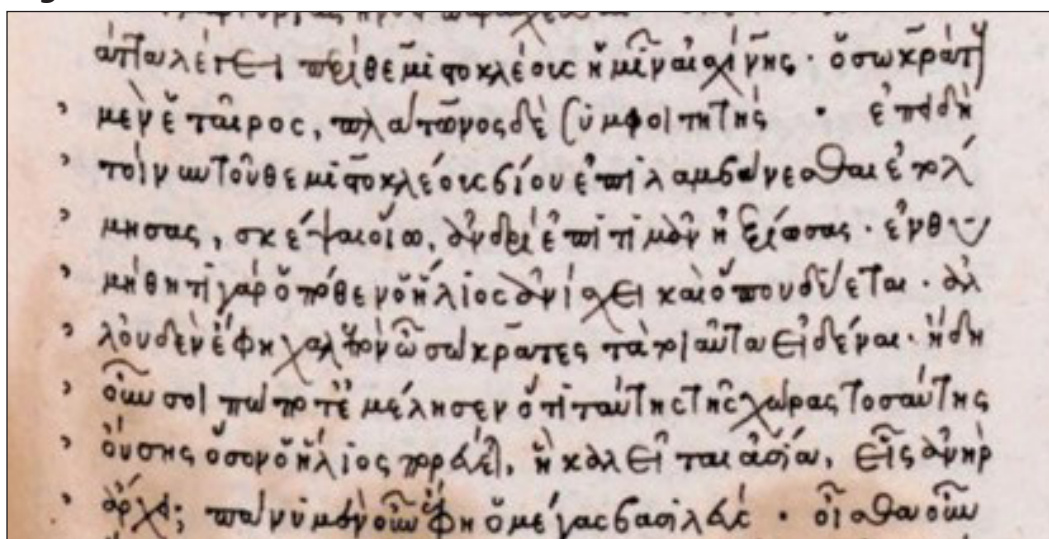
³ Behr é propriamente o autor dessa edição, porém ele finalizou o trabalho de anos de Lenz, que morreu em 1969, (LENZ; BEHR, 1976, p. v).

⁴ Essa abundância de manuscritos é consequência direta da popularidade que Élio teve ao longo do período bizantino, tendo sido um autor que, posteriormente, influenciou os italianos que estavam redescobrimo as obras gregas durante o início do Renascimento, devido à emigração de acadêmicos bizantinos, os quais atuavam em missões diplomáticas para solicitar ajuda contra o avanço otomano (lembrando que a queda de Constantinopla, em 1453, foi o marco do fim do Império Bizantino e que já em 1204 ela tinha sido saqueada e muitos danos foram causados às bibliotecas, o que causou problemas na transmissão textual), de acordo com Lenz e Behr (1976, p. xcvi) e Reynolds e Wilson (1991, p. 72; 146-154).

BEHR, 1976, p. lxxiv), além do que nem todas essas fontes possuem esse trecho que nos é importante, onde ocorre a citação de Ésquines aqui discutida.

A *editio princeps* (BONINO, 1517),⁵ isto é, a primeira edição reproduzida em gráfica, se baseou no manuscrito *Laurentianus Abbatiae 9*, que pertenceu a um dos alunos de Manuel Crisoloras,⁶ este último tendo sido um personagem muito importante na difusão da língua grega no mundo ocidental, uma vez que ela não era mais bem compreendida por conta do predomínio do latim e o poder da Igreja Romana.⁷ Essa primeira edição impressa foi realizada em 1517 na oficina gráfica de Filippo Giunti, membro da família de gráficos que ficou conhecida como Giunta em Florença, e editada por Eufrosino Bonino,⁸ um médico e filólogo (LENZ; BEHR, 1976, p. cvii), que também utilizou o manuscrito *Laurentianus Pluteus 60.24* (Figura 1), uma vez que aquele primeiro era incompleto e não continha, por exemplo, a parte que apresenta o nosso fragmento em questão.

Figura 1 - Recorte do fólio 116r do manuscrito *Laurentianus Pluteus 60.24*



Fonte: Biblioteca Medicea Laurenziana de Florença.

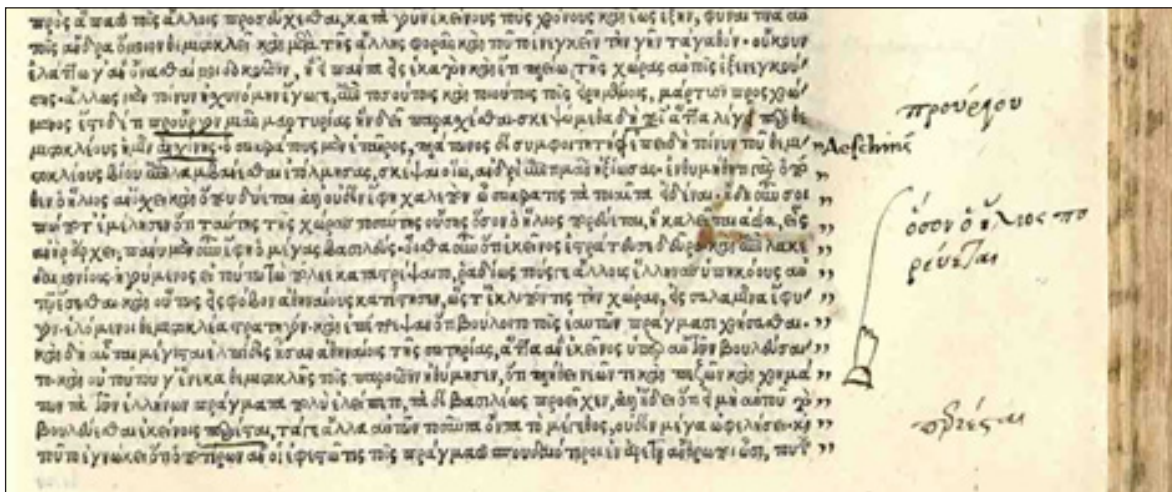
⁵ As informações foram coletadas em Lenz e Behr (1976, p. xcvi).
⁶ Crisoloras foi um dos principais eruditos bizantinos que emigraram para a Itália no século XV, tendo sido convidado para Florença por um dos maiores nomes do humanismo renascentista, o literato Coluccio Salutati (REYNOLDS; WILSON, 1991, p. 134-135; 147).

⁷ O conhecimento da língua grega, no período logo anterior ao Renascimento, era muito restrito no mundo ocidental, um fato que dificultava até mesmo as impressões nessa língua, uma vez que os diacríticos e ligaduras, que eram comuns nos manuscritos bizantinos, tornavam difícil a criação de tipos e, com isso, encareciam o processo de reprodutibilidade gráfica, sendo que a falta de demanda por textos gregos tornava esse tipo de edição financeiramente desvantajosa para os primeiros gráficos (REYNOLDS; WILSON, 1991, p. 154-158).

⁸ A partir de Lenz e Behr (1976, p. ci) e baseado no prefácio do próprio Bonino, o qual elogia Filippo, dizendo que ele "cuidou de forjar os volumes de muitos autores latinos e gregos na mais bela tipografia feita até hoje, e agora ele colocou em suas mãos as obras do grego Aristides [*Philippus ... multa & latinorum, & graecorum auctorum uolumina cudere hactenus pulcherrimis curauit typis, nuncque graeci Aristidis operibus ... imposuit manum*]" (BONINO, 1517, p. i, trad. minha). Note que "Aeschines" está impresso na lateral do texto citado, uma alusão aos escólios medievais que era uma prática comum nas edições daquele tempo (REYNOLDS; WILSON, 1991, p. 157).

Esses dois manuscritos se encontram hoje na Biblioteca Medicea Laurenziana de Florença, sendo que, no *Laur. Plut.* 60.24, podemos ver a indicação de citação com uma corruptela do sinal gráfico da diplé (ϛ),⁹ um símbolo paratextual posicionado na margem esquerda e que é comum aos manuscritos que contêm esse fragmento de Ésquines, bem como existem sinais de pontuação, por exemplo, vírgula, ponto vírgula (que corresponde ao “?” em grego) e ponto final. O trabalho de Bonino foi intitulado *Orationes Aristidis* e a Figura 2 mostra um detalhe da página onde há o início da citação do fragmento aqui tratado, repare, então, que o editor manteve o resquício da διπλή à margem, enquanto o texto apresenta bem menos ligaduras, além de conter sinais de pontuação.

Figura 2 - A editio princeps de Bonino, 1517



Fonte: Bonino (1517).

Élio também teve sua obra publicada por editores bem conhecidos ao longo do século XVI, como Aldo Manúcio,¹⁰ em 1508, e Henricus Stephanus,¹¹ em 1593, porém são edições que apresentam problemas filológicos na colação dos textos (em relação aos padrões atuais). As edições posteriores mais conceituadas são a de Jebb e a de Dindorf, as quais foram publicadas entre os séculos XVIII e XIX. O primeiro, Samuel Jebb (1730, p. 221-

⁹ É da διπλή (*diplé*) que se originou, progressivamente, as nossas aspas. Seu uso era distinto originalmente, por exemplo, nas primeiras edições alexandrinas, possuindo significados próprios de acordo com o autor editado, mas foi se consolidando o papel de indicar citações e o sinal gráfico foi evoluindo ao formato atual das aspas (as quais diferem de acordo com a língua) (FINNEGAN, 2013).

¹⁰ Aldo Manúcio, italiano fundador da Imprensa Aldina em Veneza, foi um dos maiores impressores gráficos do Renascimento, destacando-se por ter sido o maior responsável pela publicação de textos em grego. Contudo, ele imprimiu apenas alguns discursos isolados de Élio e por isso a edição de Bonino é considerada a *editio princeps*, já que é a completa (LENZ; BEHR, 1976, p. xcix; REYNOLDS; WILSON, 1991, p. 155-156).

¹¹ Henricus Stephanus, também conhecido como Henri Estienne, foi um famoso editor e impressor francês, do qual até hoje utilizamos sua paginação para referenciar as passagens de Platão (LENZ; BEHR, 1976, p. cvi).

223),¹² foi um outro médico filólogo, como Bonino, que publicou, entre 1722 e 1730, uma edição em dois volumes na qual se apropriava do trabalho dos editores prévios, porém introduzindo novos códices encontrados e uma tradução em latim, bem como um aparato crítico, construindo assim uma edição mais completa que as anteriores, tendo sido um trabalho tão importante que até hoje vemos citações de Élio Aristides sendo referenciadas por essa paginação, apesar de ela já apresentar o texto dividido em parágrafos numerados à margem (o que se tornou o padrão em relação às citações atuais). O trabalho de Jebb só foi superado em 1829 pelo alemão Wilhelm Dindorf (1829a),¹³ o qual não apenas editou o texto, baseando-se na edição de Jebb, como também os escólios em outro volume (os quais também foram editados por Wilhelm Frommel, em 1826).¹⁴ A edição de Dindorf foi apresentada em três volumes e pretendeu melhorar o texto de Jebb por meio da colação dos manuscritos florentinos mais antigos, tornando-se muito importante a ponto de ainda encontrarmos citações de Élio utilizando sua paginação. Após esse trabalho, a edição crítica de 1976, de Behr e Lenz, comentada logo no início da seção, se consagrou como a mais atual e completa hoje em dia, mesmo sem ter incluído os escólios.¹⁵ Por fim, a mais recente edição do *Contra Platão* está na edição da Loeb Classical Library, lançada em 2021, tendo uma tradução em inglês e o texto grego estabelecido (sem aparato crítico) por Michael Trapp (2021).

Pequeno histórico sobre as edições modernas e contemporâneas de Ésquines

O fragmento que tratamos aqui se encontra citado em Élio Aristides e, por isso, vimos, brevemente, como foi que ocorreu a transmissão de sua obra. Contudo, Ésquines teve edições próprias, sendo que a primeira coletânea moderna que reuniu alguns fragmentos e os atribuiu a ele foi publicada apenas no século XVIII, por Johannes Clericus, em 1711.¹⁶ Também conhecido como Jean Le Clerc, ele foi um teólogo e pastor protestante de Genebra, na Suíça, sendo que se mudou para Amsterdã, cidade na qual publicou o *Æschinis Socratici Dialogi Tres*. A tradução do título, *Três diálogos socráticos de Ésquines*, já indica uma concepção que não é correta, pois àquela época acreditava-se que os diálogos *Axíoco*, *Da Virtude* e *Eríxias* seriam da autoria de Ésquines, enquanto

¹² Comentários a partir de Lenz e Behr (1976, p. cvii-cviii).

¹³ Comentário a partir de Lenz e Behr (1976, p. cx-cxii).

¹⁴ Escólios coletados em Dindorf (1829b) e Frommel (1826).

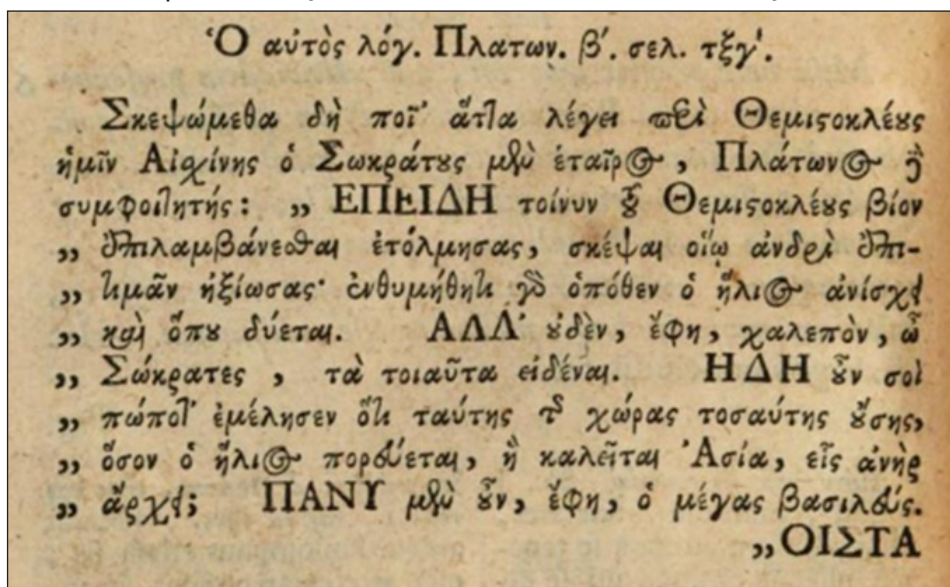
¹⁵ Como aponta Dickey (2006, p. 69-70), os escólios presentes nos manuscritos de Élio Aristides precisam de uma nova edição, pois Dindorf apenas reimprime o trabalho de Reiske, o qual não é confiável, enquanto o de Frommel possui muitos erros.

¹⁶ Sigo a indexação feita por Giannantoni (1990a, p. 585).

hoje sabemos que são diálogos espúrios atribuídos a Platão, de autoria desconhecida, mas ainda assim incluídos no *Corpus Platonicum*. Essa confusão surge porque esses três diálogos eram listados na *Suda* como sendo de Ésquines,¹⁷ o qual realmente tem um diálogo intitulado *Axíoco*, porém distinto do pseudo-platônico.

Além desses três diálogos, essa edição apresenta uma pequena coletânea de testemunhos sobre a biografia de Ésquines e uma seção chamada *Testimonia Veterum* (*Testemunhos dos antigos*), onde o nosso fragmento em questão é citado (CLERICUS, 1711, p. 16-23), aparecendo com uma tradução em latim (a língua franca daquele momento histórico), havendo um reduzido número de comentários críticos e copiando a identificação antiga da *diplé* («), que é verificada nos manuscritos de Élio Aristides, mas já como aspas modernas dentro das margens. Contudo, não há nenhuma contextualização do fragmento, nem é especificado que seria do *Alcibíades*, tampouco esses testemunhos aparecem em quantidade relevante. Também é possível verificar que esse livro não apresenta o texto grego normalizado com o nosso padrão atual, ou seja, é possível identificar as ligaduras de letras minúsculas típicas de manuscritos medievais, porém agora escritas não mais com a mão, mas impressas com os tipos gráficos, um fato corriqueiro nas edições modernas. Como, por exemplo, na primeira linha, onde o “ερ” de “περὶ” aparece como πει , ou então em “ἑταῖρος”, na segunda linha, que aparece com o “ος” em ligadura: ἑταῖρϞ , além de muitas outras, como podemos ver na Figura 3.

Figura 3 - Destaque da edição de Clericus (1711) com a citação de Élio Aristides



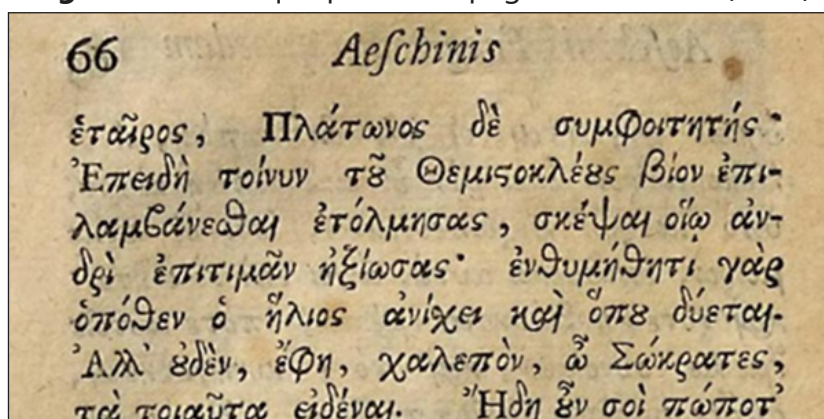
Fonte: Clericus (1711).

¹⁷ Em Giannantoni esse fragmento sobre Ésquines foi catalogado como SSR, VI.A.25. A *Suda* foi um misto de dicionário e enciclopédia, feito de maneira colaborativa no século X (REYNOLDS; WILSON, 1991, p. 66).

A segunda edição com uma coletânea de fragmentos de Ésquines apareceu apenas sete anos depois, publicada por Petrus Horreus, em 1718, intitulada também *Æschinis Socratici Dialogi Tres*, porém com uma indicação no subtítulo (*De novo recensuit*) de que ele tinha feito uma revisão. No entanto, Horreus mantém a concepção de Clericus, acreditando que Ésquines seria o autor dos três diálogos pseudo-platônicos e conserva a mesma estrutura, pois é também uma edição bilíngue com o texto grego à esquerda e o latino à direita, contendo comentários na parte inferior. Da mesma forma que em Clericus, essa edição mantém as indicações de citação e abreviações similarmente aos códices manuscritos. O nosso fragmento aparece ao final (HORREUS, 1718, p. 174-179), agrupado com outros numa seção genericamente intitulada *Æschinis Socratici Fragmenta Qædam* (*Alguns fragmentos de Ésquines Socrático*), apresentando ainda menos comentários críticos do que na edição de Clericus e sem apresentar ligação alguma com o *Alcibíades*.

Em 1753, foi publicada a terceira coletânea de fragmentos,¹⁸ dessa vez por Johann Friedrich Fischer, um filósofo e filólogo alemão. Novamente, vemos o mesmo título, *Aeschinis Socratici Dialogi Tres*, indicando que a presunção de que Ésquines seria o autor dos três diálogos comentados acima se mantinha. O fragmento aqui discutido aparece ao final (FISCHER, 1753, p. 65-69), em uma seção intitulada Αἰσχίνου τοῦ σωκρατικοῦ λείψανα τινα (*Alguns fragmentos de Ésquines Socrático*), apenas com o texto grego, sem tradução e com um número bem reduzido de comentários, além de não haver nenhuma correlação com o *Alcibíades*. A única diferença é que Fischer se distancia do modelo de Clericus e Horreus, pois não apresenta mais a indicação visual de citação, nem tantas ligaduras, contudo ainda utilizando a “8” (das letras “o” e “u”) que hoje em dia foi abolida (Figura 4).

Figura 4 - Destaque para uma página de Fischer (1753)



Fonte: Fischer (1753).

¹⁸ Giannantoni (1990a, p. 585) data a edição de Fischer como tendo sido publicada em 1786, porém no *Google Books* é possível verificar uma de 1753 e no *HathiTrust* outra de 1766, além de que Dittmar (1976, p. x) enumera três edições entre 1753 e 1786, e ainda uma quarta em 1788.

Além dessas edições,¹⁹ Karl Friedrich Hermann (1850), um classicista alemão do século XIX, publicou, em 1850, *De Aeschinis Socratici Reliquiis: Disputation*. Neste “estudo preparatório” (GIANNANTONI, 1990a, p. 585) de apenas trinta páginas, Hermann fez um breve comentário sobre a vida e obra de Ésquines, tendo reconhecido a lista de diálogos feita por Diógenes Laércio, enquanto atribuía incerteza àquela atribuição presente exclusivamente na Suda (HERMANN, 1850, p. 8). Em Hermann, portanto, há um avanço frente aos editores anteriores, pois ele chega a coletar alguns fragmentos e atribuí-los a diálogos como *Milcíades*, *Aspásia* e *Cálias*. O fragmento SSR, VI.A.50 que tratamos aqui, encontra-se apresentado e já identificado corretamente como pertencente ao *Alcibíades*, tendo Hermann (1850, p. 21-23) indicado, inclusive, a correlação com Prisciano e o escólio em Élio Aristides.

Somente em 1911, contudo, quando Heinrich Krauss (1911) editou o *Aeschinis Socratici reliquiae*, apareceu a primeira edição que coletou os fragmentos de Ésquines com rigor científico (GIANNANTONI, 1990a, p. 585), ao questionar a atribuição de autoria daqueles três diálogos pseudo-platônicos e apresentar esses fragmentos (com uma divisão entre *testimonia* e *vestigia*) de Ésquines em três grupos,²⁰ isto é, separando os que podiam ser atribuídos a um diálogo, os que eram de atribuição incerta e os de autoria duvidosa (CEPKO; KALAŠ; SUVÁK, 2021, p. 27; DITTMAR, 1976, p. x). O trabalho de Krauss é baseado no de Hermann, mas muito mais próximo do padrão atual de edições, pois indexa os diálogos e recolhe os fragmentos, apresentando o texto original em conjunto com um aparato crítico e seguido de comentário filológico. No entanto, o diálogo *Alcibíades*, nessa edição (KRAUSS, 1911, p. 32-39), é apresentado apenas pelo escólio encontrado em Aristides, seis fragmentos considerados como *testimonia* e mais dois como *vestigia*. O fragmento que tratamos nesse artigo é logo o primeiro exposto por Krauss (1911, p. 32-36), sendo comentado com muita rapidez, mas destacando como Sócrates refutou o jovem Alcibíades de forma violenta e isso não está presente no diálogo homônimo de Platão (KRAUSS, 1911, p. 62).

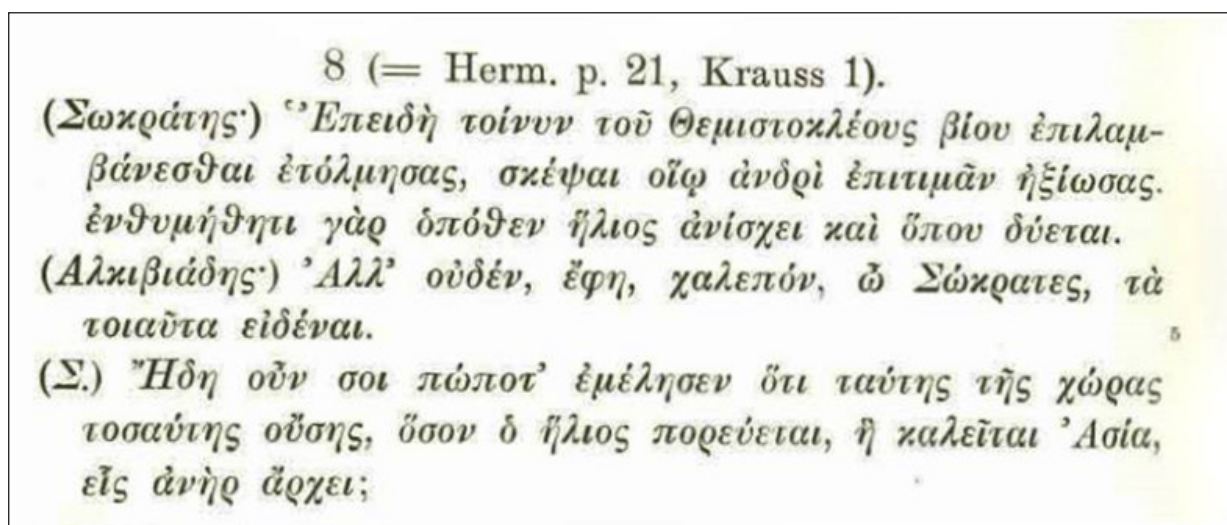
O cenário de estudos sobre Ésquines só deu um salto com a publicação, em 1912, de Heinrich Dittmar, pois o *Aischines von Sphettos: Studien zur Literaturgeschichte der Sokratiker* revisava as edições anteriores e apresentava os fragmentos coletados separados por diálogos e com uma tentativa de exibir a ordem interna dos fragmentos em relação ao diálogo, havendo ainda discussões sobre os outros diálogos socráticos

¹⁹ Baseio-me nas informações presentes em Cepko, Kalaš e Suvák (2021, p. 26-27) e Giannantoni (1990a, p. 585). Giannantoni ainda elenca que Demetrio Livaditi tinha feito uma tradução em 1879, porém considerada muito defeituosa.

²⁰ Os três grupos: “Certorum dialogorum reliquiae” (KRAUSS, 1911, p. 32-57), “Incertorum dialogorum reliquiae” (KRAUSS, 1911, p. 57-60) e “Dubia vestigia” (KRAUSS, 1911, p. 61).

de Ésquines, como *Aspásia*, *Axíoco*, *Milcíades*, *Cálias* e *Telauges*, porém sem apresentar tradução (há apenas frases isoladas traduzidas em meio a sua argumentação teórica). Como é um trabalho já do século XX, a edição de Dittmar se aproxima muito do padrão utilizado atualmente, sendo que, especificamente em relação ao fragmento aqui discutido (enumerado como #8 em seu livro), cabe destacar que ele equipara sua numeração com a de Hermann e Krauss, disponibiliza um aparato crítico, bem como apresenta a citação de Élio Aristides separando, nitidamente e pela primeira vez, as falas dos personagens Alcibíades e Sócrates (Figura 5), o que já tinha sido apontado por Krauss (1911, p. 62). Dittmar (1976, p. 97-159), em um longo comentário sobre o diálogo, ainda discorre sobre a comparação entre o conhecimento e o acaso a respeito do que se passou com Temístocles e que aparece no fragmento aqui tratado, contrastando o caráter de Alcibíades frente ao perfil que está em outros socráticos, como Xenofonte, mas trabalhando principalmente com o *Alcibíades I* de Platão.

Figura 5 - Edição de Dittmar apresentando o início do fragmento encontrado em Élio Aristides, 1912



Fonte: Dittmar (1976).

Quase um século depois, Gabriele Giannantoni realiza, em 1990, outra coleta de fragmentos de Ésquines em seu projeto maior chamado *Socratis et Socraticorum reliquiae* (SSR), dividido em quatro volumes, o qual inclui vários autores do círculo socrático e não apenas o nosso autor. Ésquines aparece no segundo volume (GIANNANTONI, 1990b, p. 593-629), junto a outros socráticos de sua geração, como Fédon, Aristipo e Antístenes, mas também no quarto volume onde há uma nota crítica sobre sua obra (GIANNANTONI, 1990a, p. 585-596). Giannantoni teve a seu favor a obra dos outros três (Hermann, Krauss e Dittmar), baseando-se, nesta parte de Ésquines, sobretudo em Dittmar, mas

seguindo seus próprios objetivos. O *SSR* exibe uma separação dos fragmentos relativos à biografia de Ésquines, apresentando, então, séries divididas por cada diálogo e, por fim, um saldo restante com fragmentos incertos. Esse editor também apresenta anotações filológicas, bem como indica outros autores (que muitas vezes foram recapitulados a partir das edições anteriores) com passagens similares a cada fragmento (*loci similes*). Seu ordenamento, de maneira geral, segue a sugestão de Dittmar, indicando nos comentários críticos a correspondência (ou a ausência dela, com “deest”) com a numeração presente tanto em Krauss quanto em Dittmar. O grande diferencial dessa coletânea é que ela ainda é recente e foi feita após a publicação dos papiros de Oxirrinco por Bernard Grenfell e Arthur Hunt (1919), sendo a primeira, portanto, a incluir fragmentos em sentido estrito. Dada a sua extensão e completude (lembrando que cobriu vários socráticos em quatro volumes), bem como a boa execução, o *SSR* ganhou grande notoriedade e até hoje vigora como a principal obra de referência, sendo que os comentadores costumam indicar os fragmentos de Ésquines de acordo com a divisão de Giannantoni. O fragmento analisado neste artigo, por exemplo, é denominado *SSR*, VI.A.50, pois segue a divisão apresentada no índice da referida edição. O nosso fragmento é exposto por Giannantoni (1990b, p. 607-608) como texto corrido, não tendo seguido a sugestão de separar as falas dos personagens como feito por Dittmar, uma vez que é um discurso reportado (narração).

Duas décadas depois, Claudia Mársico, docente de Filosofia na Universidade de Buenos Aires, publicou *Socráticos: testimonios y fragmentos* em dois volumes entre 2013 e 2014. O segundo tem, junto a Ésquines, a tradução em espanhol de todos os fragmentos coletados por Giannantoni de Antístenes, Fédon e Simão. Esta edição apresenta uma introdução geral, destacando uma seção específica para Ésquines (MÁRSICO, 2014, p. 100-128), reorganizando posteriormente os fragmentos que apareciam em Giannantoni apenas como *De Aeschinis vita et scriptis* (*Vida e escritos de Ésquines*) em subseções de dados biográficos, anedotários, relativos à filiação e às obras e posições teóricas, bem como os indexa de acordo com os diálogos e, por fim, agrupa os fragmentos incertos. Mársico segue uma numeração própria, porém indica a de Giannantoni e Dittmar. No entanto, esta não é uma edição crítica, nem uma nova coleta de fragmentos, pois há apenas a tradução do *SSR*. Nosso fragmento em questão, na sua edição, é o #1221, o qual foi traduzido como discurso indireto apresentando uma boa quantidade de notas que contextualizam a passagem (MÁRSICO, 2014, p. 386-389).

Em 2017, surge uma novidade: *Eschine di Sfetto: Tutte le testimonianze*, um trabalho de Francesca Pentassuglio, docente de Filosofia na Universidade de Roma La Sapienza. O diferencial desta edição é que a autora não só traduziu para o italiano, como recolheu novos fragmentos encontrados e fez uma introdução que discute vários tópicos acerca

da biografia de Ésquines, bem como sobre seus diálogos e os temas filosóficos que ele abordou. Sua obra é, portanto, mais completa que a de Giannantoni no que se refere a Ésquines, bem como bem mais atual do que a última edição específica de Ésquines, que era a de Dittmar, quase cem anos antes. Pentassuglio também segue uma ordenação e numeração própria, mas seu trabalho descende de Giannantoni e este de Dittmar e Krauss. O fragmento tratado nesse artigo é o #76 em sua edição, havendo uma seção posterior com comentários específicos sobre ele (PENTASSUGLIO, 2017, p. 259-262; 411-416). Sua tradução opta por seguir a citação de Élio como um texto corrido em discurso indireto, na mesma linha que Giannantoni e Mársico.²¹

Alguns anos depois, Jaroslav Cepko, Andrej Kalaš e Vladislav Suvák (2021) apresentaram uma compilação de fragmentos, seguindo a última edição de Pentassuglio, ou seja, traduzindo para o eslovaco todos os fragmentos que constam na última edição crítica, porém ordenando de acordo com a apresentação existente em Giannantoni, ou seja, indexando apenas no final os novos fragmentos. Além disso, essa edição inclui uma introdução e comentários críticos específicos para cada fragmento, sendo que o fragmento que trabalhamos aqui é apresentado com o texto grego, seguido da tradução corrida em discurso indireto (ou seja, não seguiu a divisão de falas sugerida por Dittmar), bem como de comentários que contextualizam o aspecto histórico e contrapõem a interpretação de Dittmar em relação ao *Alcibíades* (CEPKO; KALAŠ; SUVÁK, 2021, p. 112-120).

Por fim, Carvalhar (2023) realizou uma tradução para o português brasileiro dos fragmentos de *Alcibíades*, porém não há inovação filológica, pois não é uma edição crítica, tendo apenas recolhido os fragmentos de acordo com a última edição de Pentassuglio, com a única diferença que incluiu o papiro *Erlangen 4* (P.Erl.4) como o fragmento #20 (considerado espúrio). Em relação ao fragmento aqui discutido, Carvalhar (2023, p. 43-45) apresenta uma tradução com a divisão proposta por Dittmar, separando os interlocutores do diálogo.

Os fragmentos em papiro

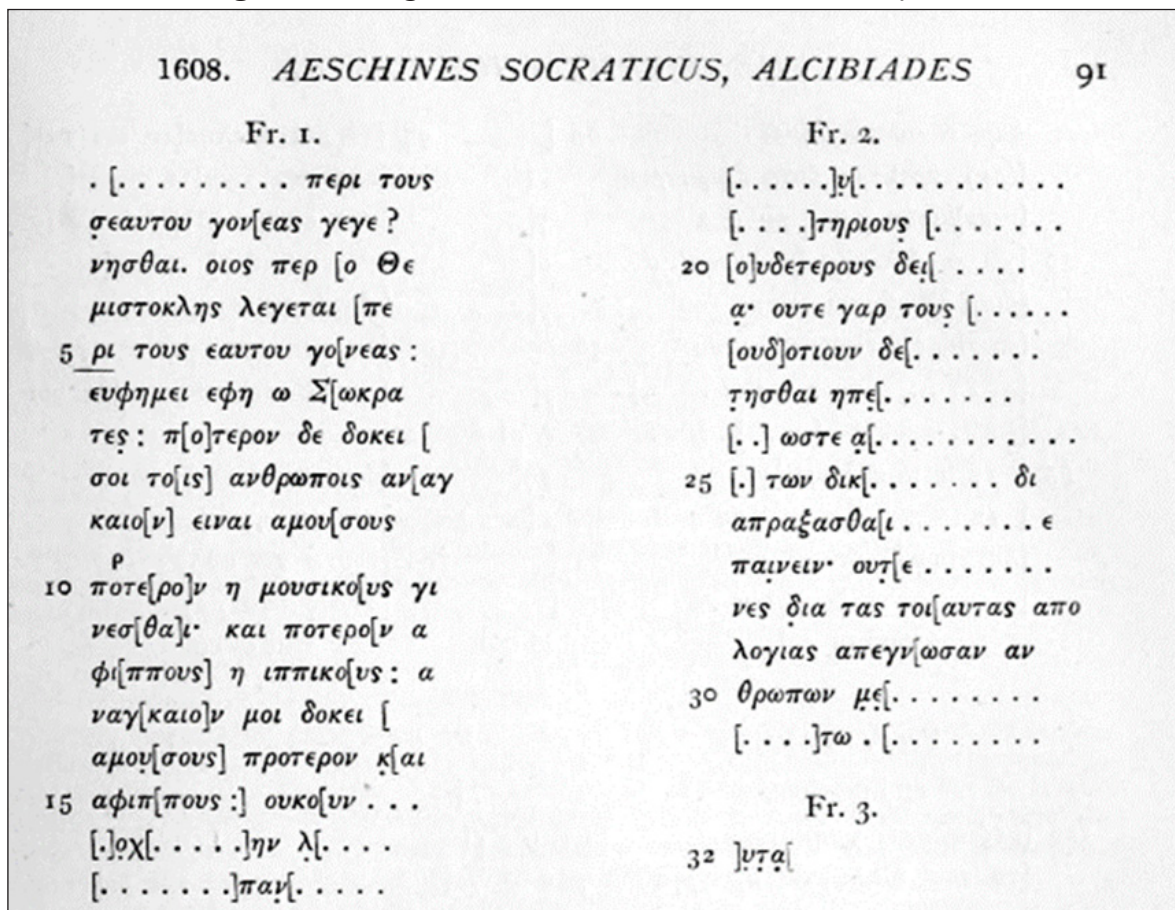
Alguns fragmentos em papiro permitem identificar a circulação dos diálogos de Ésquines após a sua morte, sendo ainda uma conjectura possível pensar que da Antiguidade Tardia ao Alto Medievo eles ainda circulariam entre os estudiosos como *volumina* de papiro ou até mesmo em códices de pergaminho (ou pelo menos em recortes, como partes de florilégios e escólios), pois os autores antigos, mas já tardios,

²¹ A edição de Pentassuglio foi resenhada por Dorandi (2019) e Mársico (2014).

sabiam o referenciar. No entanto, alguns séculos depois, a coletânea de fragmentos feita por Clericus indica que, na virada do século XVII para o XVIII, esse material já tinha desaparecido e era preciso se contentar com o discurso encontrado apenas em outros autores, ou seja, só restavam os testemunhos indiretos, como aqueles obtidos na obra de Máximo de Tiro, Plutarco ou Élio Aristides, por exemplo.

Só reencontraremos um fragmento, em sentido estrito (isto é, um material textual próprio e que não é um testemunho citado por outro autor), de Ésquines, em 1919, com a expedição arqueológica organizada pelos papirologistas ingleses Bernard Grenfell e Arthur Hunt. São esses dois os responsáveis pela publicação dos papiros de Oxirrinco encontrados no Egito, lançados em uma coleção de vários volumes intitulada *The Oxyrhynchus Papyri* (Figura 6), sendo que a escrita presente no papiro é a uncial e ele é datado no século II (GRENFELL; HUNT, 1919, p. 90).²²

Figura 6 - Fragmentos 1 e 2 de *Alcibíades*, de Ésquines



Fonte: *The Oxyrhynchus Papyri*.

²² Note que esse papiro também é conhecido como *Brit. Libr. Inv. 2469* e *P.Lit.Lond. 148*, pois sua posse atual é do Museu Britânico localizado em Londres, de acordo com o Centre de Documentation de Papyrologie Littéraire (CeDoPal) e a British Library.

O importante, para o nosso objetivo aqui, é que o *P.Oxy.* XIII 1608 apresenta fragmentos de um texto com o qual podemos comparar com a citação de Ésquines presente em Élio Aristides²³ e verificar que, mesmo não sendo exatamente iguais, são suficientemente similares para não deixar dúvidas de que se trata de fragmentos do *Alcibiades* de Ésquines.²⁴ Um exemplo desse paralelo é o conteúdo textual que se encontra na primeira coluna do fragmento 5 do *P.Oxy.* XIII 1608 (a imagem do papiro como um todo está na Figura 7, enquanto o detalhe do frag. 5 está na Figura 8), sendo que o texto estabelecido pode ser conferido não só na edição de Grenfell e Hunt, que já é centenária, como também está presente no *Corpus dei papiri filosofici greci e latini* que é uma importante publicação de 1989 que coleta diversos fragmentos papirológicos (GRENFELL; HUNT, 1919; ROSSETTI, 1989).

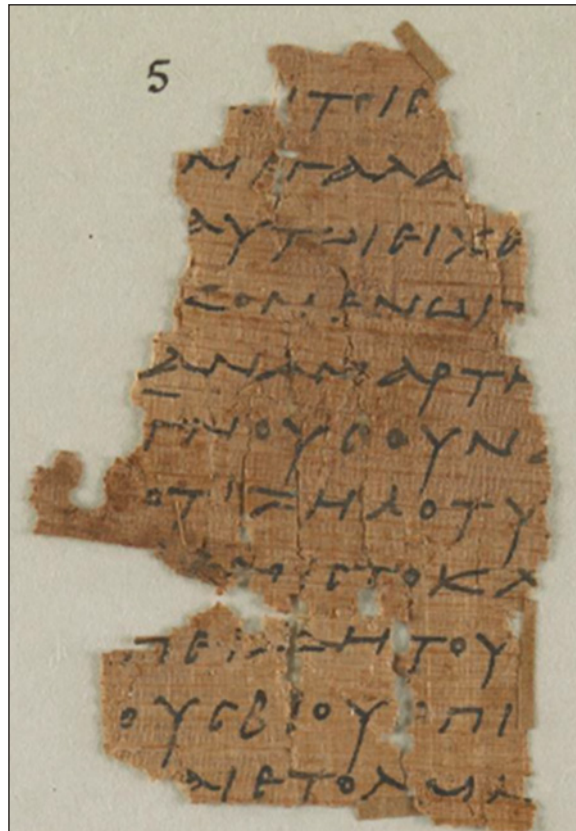
Figura 7 - Imagem completa do *P.Oxy.* XIII 1608



Fonte: The British Library.

²³ O *P.Oxy.* XIII 1608 também possui paralelos com outro fragmento (*SSR*, VI.A.49) de Ésquines, também oriundo do *Contra Platão*, mas alguns parágrafos depois (§575). Grenfell e Hunt (1919, p. 88-94) já tinham observado a semelhança e apontado a correlação com o *Alcibiades* de Ésquines.

²⁴ Uma leitura interessante que contextualiza os fragmentos de papiros encontrados em Oxirrincos com um círculo escolar formado por membros de uma elite grega no Egito encontra-se em Bagnall (2011, p. 270-277). Também é possível observar a crítica textual e os comentários a respeito das obras sendo feitas nesses papiros, como apontando em Turner (2016, p. 104-105), pois alguns outros fragmentos dos papiros de Oxirrincos apresentam os mais antigos ὑπομνήματα que nos restaram (TURNER, 2016, p. 113).

Figura 8 - Detalhe da coluna 1 do fragmento 5 do *P.Oxy.* XIII 1608

Fonte: The British Library.

Tanto o papiro quanto a citação em Élio possuem a frase “já que você teve o atrevimento de atacar a biografia de Temístocles”, a qual em Élio Aristides aparece como “ἐπειδὴ τοίνυν τοῦ Θεμιστοκλέους βίου ἐπιλαμβάνεσθαι ἐτόλμησας”,²⁵ enquanto que no papiro temos um texto incompleto: “ΠΕΙΔΗΤΟΥ[...]ΟΥΣΒΙΟΥΕΠΙ[...]ΑΙΕΤΟΛΜΗ” (lembrando que ele não apresenta acentuação nem separação de palavras)²⁶, mas podendo ser normalizado como “πειδὴ τοῦ [...] ους βίου ἐπι[...]αι ἐτόλμη”), sendo, então, facilmente reconstituído pela identificação do conteúdo lacunar com a citação presente em Élio: “ἐπειδὴ τοῦ Θεμιστοκλέ.ους βίου ἐπι.λαμβάνεσθαι ἐτόλμη.σας”.²⁷ Podemos ainda perceber que em algum momento na transmissão de manuscritos, o “τοίνυν” foi acrescentado ao texto original por algum copista,²⁸ um fato que, contudo, não causou impacto no sentido original. Além disso, há outra semelhança entre o texto desse mesmo fragmento de papiro

²⁵ Segundo o texto estabelecido em Trapp (2021, p. 284) e a tradução em Carvalhar (2023, p. 43).

²⁶ Neste fragmento de papiro não há acentuação, mas eles poderiam apresentar diacríticos ou mesmo notações marginais indicando a dessemelhança na grafia (BAGNALL, 2011, p. 268; CAVALLO, 1995, p. 35; IRIGOIN, 2001, p. 36).

²⁷ Texto reconstituído conforme o estabelecido em Rossetti (1989, p. 125). Observe que o que está entre “...” indica a inclusão de texto proveniente da citação de Élio, pois os semi-parênteses indicam que o texto é proveniente de uma outra fonte e não de conjectura, ver West (2002, p. 105).

²⁸ Veja também Pentassuglio (2017, p. 412).

com outra citação encontrada em Élio, coletado e identificado por Giannantoni como SSR, VI.A.49, reforçando ainda mais essa correlação entre as duas fontes textuais.²⁹

Observa-se que o fragmento 5 do *P.Oxy. XIII 1608* possui uma marcação paratextual que indica a mudança de turno dos personagens (ou seja, a passagem da fala de Sócrates para Alcibíades) por meio do símbolo gráfico conhecido como *parágraphos*, o qual é indicado por um traço (" _"), no canto inferior e à esquerda, do texto que começa na linha 5 (GRENFELL; HUNT, 1919, p. 90; ROSSETTI, 1989, p. 121; WEST, 2002, p. 67).³⁰ O fato de esse pedaço de papiro possuir um texto correspondente à passagem citada por Élio nos leva a saber que o papiro em questão contém um texto de Ésquines, possibilitando assim, identificar que os outros pedaços do papiro possuem novos fragmentos do diálogo *Alcibíades*, pois não estão na citação de Élio e nem eram conhecidos até 1919. Essa identificação é reforçada ainda mais, pois três outros pedaços do *P.Oxy. XIII 1608* (os fragmentos 6 e as duas colunas encontradas no fragmento 7) correspondem também a essa citação de Élio Aristides, permitindo reconstruir o texto e apresentando apenas pequenas diferenças, da mesma forma que foi feito com o fragmento 5 analisado acima.³¹

O conteúdo textual desses fragmentos pode ser, portanto, atribuído seguramente ao texto de Ésquines, uma vez que os pedaços do *P.Oxy. XIII 1608* compartilham o mesmo substrato físico, algo que é possível de ser observado pela qualidade do papiro e pela sua trama, bem como pela forma da letra manuscrita (escrita uncial), que indica ser a mão do mesmo copista. Em outras palavras, mesmo que em pedaços, o *P.Oxy. XIII 1608* apresenta, em alguns de seus fragmentos, uma semelhança textual com a citação de Ésquines encontrada em Élio, a qual permite, pela própria identidade do papiro em relação a sua materialidade textual, estender a atribuição de autoria de Ésquines a esses dois novos conteúdos presentes no papiro (os fragmentos 1 e 4), os quais são hoje referenciados como SSR, VI.A.48, pois Giannantoni os apresentou juntos em sua edição crítica que coletou fragmentos de Ésquines.

A identificação de autor e obra

Quanto ao nosso fragmento aqui analisado, Élio Aristides apenas nos informa que a citação que faz é de Ésquines – o que fica muito evidente textualmente, pois ele diz

²⁹ Como apresentando por Carvalhar (2023) em relação ao fragmento #8b.

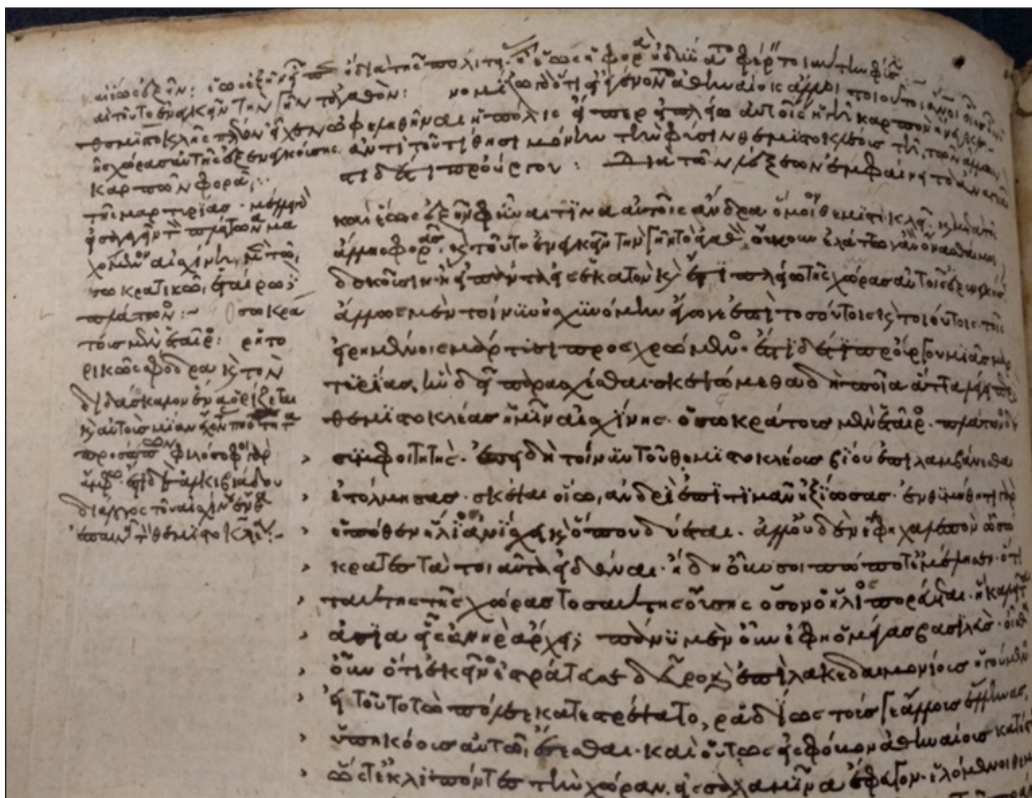
³⁰ Sobre o παράγραφος e a διπλή, conferir Bagnall (2011, p. 261), Irigoien (2001, p. 38), Turner (2016, p. 17), Thompson (1893, p. 73) e Cavallo (1995, p. 29). Tal indício paratextual reforça a percepção, comentada previamente, de Krauss e Dittmar, sendo que ambos foram anteriores à publicação do papiro de Oxirrinco.

³¹ O texto e a imagem desses fragmentos do papiro são apresentados no *Apêndice II*, figuras 6 e 7 em Carvalhar (2023), sendo que Pentassuglio (2017, p. 412 e 414) discute as diferenças textuais encontradas.

“Vamos considerar, agora, o que Ésquines [...] nos diz” –,³² além do que seus manuscritos usam a *diplé* para acusar que aquele trecho é uma citação de um autor distinto. Contudo, não há nenhum identificativo de qual obra ele copiara o texto,³³ entretanto, sabemos, por outras fontes, que se trata do diálogo *Alcibiades*.

Uma dessas fontes é um escólio³⁴ presente tanto no manuscrito *Auct.* T. 1. 12 da Bodleian Library (Figura 9) quanto no *Cod.graec.* 123 da Bayerische Staatsbibliothek,³⁵ pois o escoliasta indica a autoria e a obra dessa citação que Élio está fazendo, após copiar o *lémma* (λήμμα) com parte do texto de Élio na margem esquerda do manuscrito.³⁶ Essa anotação atesta a vinculação entre o autor Ésquines e a obra *Alcibiades* dizendo: “trata-se do diálogo *Alcibiades* de Ésquines [ἔστι δὲ Ἀλκιβιάδου διάλογος τοῦ Αἰσχίνου]”.³⁷

Figura 9 - Escólio no manuscrito *Auct.* T. 1. 12



Fonte: Fotografia fornecida pela Bodleian Library de Oxford.

³² Tradução de Carvalho (2023, p. 43).

³³ Élio Aristides em *Contra Platão: Em defesa dos quatro* §575-577 se refere a Alcibiades, mas como personagem histórico e não faz menção direta ao *Alcibiades*, como título de diálogo.

³⁴ Escólio publicado em Dindorf (1829b, p. 663 (§221, 18)); Frommel (1826, p. 255 (§363)).

³⁵ Conclusão feita a partir do que foi apontado por Lenz e Behr (1976, p. cix).

³⁶ Os λήμματα são palavras copiadas de um ponto específico do texto principal para o qual o copista (ou escoliasta) está pretendo inserir seu comentário (ὑπόμνημα) à margem do manuscrito, ou seja, são citações do texto que servem como cabeçalhos para o comentário, tendo sido empregados do período alexandrino até o bizantino, ver Irigoien (2001, p. 33), Turner (2016, p. 114) e West (2002, p. 11).

³⁷ Tradução encontrada em Carvalho (2023), fragmento 4, com texto estabelecido em Frommel (1826, p. 255).

Além disso, uma frase presente nessa citação de Élio encontra-se também no gramático Prisciano,³⁸ o qual identifica autor e obra e, com isso, nos ajuda a fortalecer a atribuição de autoria. A indicação é clara, pois esse autor informa: “Ésquines, no *Alcibíades*, [escreve] sobre Temístocles: ‘os atenienses nutriam grandes esperanças de se salvarem com qualquer que fosse a decisão que ele tomasse em defesa da cidade [Αἰσχίνης ἐν τῷ Ἀλκιβιάδῃ ὑπὲρ Θεμιστοκλέους: αὐται μέγιστα ἐλπίδες ἦσαν Ἀθηναίοις περὶ τῆς σωτηρίας ἄσσα ἂν ἐκεῖνος περὶ αὐτῶν βουλευσαίτο]””,³⁹ sendo que no fragmento aqui tratado temos o mesmo texto, porém com uma pequena variação, pois Prisciano utiliza a forma jônica⁴⁰ “ἄσσα” e Aristides a ática “ἄττα”, além de que ele acrescenta um “περί” relacionado a “ἐλπίς” que usualmente, como em Élio, requer apenas a regência do genitivo e descarta a preposição. Contudo, essas pequenas variações textuais são normais na transmissão manuscrita ao longo dos séculos e não anulam o paralelo textual.

Outro ponto é que o texto *Sobre as flexões*, atribuído ao gramático Élio Herodiano (século II),⁴¹ apresenta uma citação de Ésquines, a qual possui um paralelo textual com o trecho “essas duas cidades [τούτω τῷ πόλει]”,⁴² que aparece no nosso fragmento aqui tratado. Lembrando que o grego antigo flexiona em número não só entre plural e singular, mas também no dual. Nos diz Herodiano: “raramente também no dual, mas encontram-se contraídos os dois ‘εε’ no ditongo ‘ει’, similarmente a [...] ‘πόλλεε’ e ‘πόλλει’, como aparece no Ésquines Socrático: ‘τούτω τῷ πόλει’ (ao falar sobre os atenienses e os lacedemônios)”.⁴³ Similarmente, o gramático bizantino do século IX, George Querobosco,⁴⁴

³⁸ Trata-se do fragmento presente em *Institutiones Grammaticae* XVII, 159 (também referenciado pelo título do capítulo, como *De constructione* VII, 187) de Prisciano Cesariense, editado em Baratin (2010, p. 251). A semelhança dessa linha de texto entre Aristides e Prisciano já tinha sido notada desde Clericus (1711, p. 19), porém foi com Hermann (1850, p. 21) que a atribuição ao *Alcibíades* fora feita, sendo reafirmada por Kraus (1911, p. 34) e Dittmar (1976, p. 269).

³⁹ Tradução encontrada em Carvalho (2023, fragmento 5). Texto grego estabelecido por Pentassuglio (2017, p. 262).

⁴⁰ No helenismo tardio é possível identificar que era feita a reconstrução de formas dialetais mais arcaicas, isto é, pseudo-jônicas. Logo, pode ser esse tipo de pensamento que tenha orientado o copista da versão que Prisciano utilizou, ou o próprio gramático alterou o texto para servir aos seus intentos (WEST, 2002, p. 20-21). No entanto, textos do período clássico com palavras que não pertencem ao dialeto ático levam a suspeitas de autenticidade (REYNOLDS; WILSON, 1991, p. 47).

⁴¹ Não o confundir com o historiador romano Herodiano. O título *Περὶ παθῶν* costuma ser apresentado sem a tradução (πάθος pode significar alteração gramatical, flexão) e esse texto se encontra fragmentário, sendo uma coleção de diversas fontes (o trecho citado é encontrado por Querobosco). O texto grego foi editado por Lentz (1868, p. 322), porém a edição desse livro é conhecida por apresentar erros. Comentário a partir de Dickey (2006, p. 75-77), Dittmar (1976, p. 269) e Pentassuglio (2017, p. 413).

⁴² Linha 14 em Carvalho (2023, p. 42).

⁴³ Tradução minha. Texto original: “σπανίως δὲ καὶ ἐν τοῖς δυϊκοῖς, ἀλλ’ εὐρίσκεται τὰ δύο <εε> εἰς τὴν <ει> δίφθογγον κιννάμενα οἶον [...] πόλλεε πόλλει, ὡς παρ’ Αἰσχίνῃ τῷ Σωκρατικῷ «τούτω τῷ πόλει» (λέγει δὲ περὶ Ἀθηνῶν καὶ Λακεδαιμονίων)” (*apud* LENTZ, 1868, p. 322).

⁴⁴ Conforme comentário em Dickey (2006, p. 80), Dittmar (1976, p. 269), Pentassuglio (2017, p. 413) e Reynolds e Wilson (1991, p. 54). Texto grego de Querobosco editado por Hilgard (1889, p. 136): “τὰ γὰρ δύο <εε> εἰς τὴν <ει> δίφθογγον ἐγένοντο· ἔχομεν γὰρ παρὰ τῷ Αἰσχίνῃ τῷ Σωκρατικῷ πόλλει διὰ τῆς <ει> δίφθογγου, ἐνθα περὶ Ἀθηνῶν καὶ Λακεδαιμόνος διαλέγεται”. A citação reaparece na página 177 com pequena variação. Tradução minha: “o duplo ‘εε’ se transformou no ditongo ‘ει’, pois no Ésquines Socrático aparece ‘πόλλει’ com o ditongo ‘ει’, ali onde ele fala sobre os

nos relata em dois momentos distintos do *Prolegômenos de Teodósio de Alexandria*, que o duplo 'εε' se transformou no ditongo 'ει' e alude a Ésquines com "τὼ πόλει". Observe ainda que o texto estabelecido mais atual utiliza "πόλεε" e não "πόλει" como cita Herodiano e Querobosco, porém, como observado anteriormente, essas pequenas variações textuais são comuns ao longo do processo de transmissão de cópias manuscritas e são fruto das decisões dos editores em relação a *emendatio*, ou seja, ao ajuste do texto a partir de variações encontradas nas fontes (WEST, 2002, p. 112).

Ainda existe outro paralelo textual com esse nosso fragmento analisado: Máximo de Tiro, em *Dissertações filosóficas* (VI, 6; SSR, VI.A.42), não explicita Ésquines, mas utiliza uma paráfrase com o texto "οἴκοι μενόντων" que também é utilizado na citação presente de Élio Aristides, com a mesma estrutura de comparar o sucesso de um exilado (Alcibíades em Máximo e Temístocles em Élio) com os cidadãos que permaneceram em suas casas (TRAPP, 1994, p. 52). Tal estrutura poderia indicar um maneirismo de Ésquines sendo replicado por Máximo de Tiro, mas cabe destacar que, por não ser uma referência explícita, esse paralelo é apenas uma hipótese.

Considerações finais

Em conclusão, o fragmento de Ésquines, coletado por Giannantoni, como SSR, VI.A.50, além de ser o mais extenso, possui, como vimos, muitas correlações com fontes textuais diversas que nos permitem atribuir com certeza a sua autoria e corresponder o fragmento a um diálogo específico, o *Alcibíades*. Esses indícios aparecem desde a indicação de citação presente em vários manuscritos de Élio Aristides, tanto pela anotação paratextual quanto pelo escólio, bem como pelas semelhanças textuais com fragmentos do papiro de Oxirrinco, e a correspondência a passagens citadas por Prisciano, Herodiano e Querobosco, além de apresentar alguma semelhança temática com Máximo de Tiro.

Todos esses fatos em conjunto nos dão certeza da atribuição e nos permitem acompanhar um exemplo do complexo processo de transmissão textual da Antiguidade até nossos dias, passando por várias revoluções na escrita, de papiros a códices manuscritos, das primeiras impressões florentinas às primeiras edições críticas do período moderno e, por fim, às publicações contemporâneas. Além disso, a exposição das fontes textuais nos permite visualizar a evolução do próprio processo editorial e de como o trabalho de

atenienses e os lacedemônios". A edição de Hilgard é anterior a Dittmar, porém este último condensou as informações de Querobosco (ou seja, não o citou) e acredito que tenha errado na compreensão, pois escreveu como se Querobosco tivesse citado Ésquines utilizando 'πόλη', o que não encontrei. Pentassuglio faz uma citação indireta de Dittmar, e notei que a publicação de 1965 é apenas uma reimpressão da edição de Hilgard (mantendo πόλει, ao contrário de Dittmar e Pentassuglio).

diversos editores vai se somando a um constructo filológico mais firme e que nos permite obter um alto grau de verificabilidade em relação à autenticidade.

Afinal, muitas vezes o trabalho filológico apresenta conjecturas difíceis de serem provadas, porém o percurso que passamos ao longo desse artigo nos permitiu verificar um exemplo de como uma série de referências pode ser conectada para comprovar a atribuição de autoria e obra. Portanto, esse fragmento de Ésquines nos permitiu explorar diversos materiais e fazer comparações frutíferas, sendo um bom caso de estudo sobre a relação de autoria e fragmento.

Também foi possível perceber que há variações textuais, como mudanças na morfologia, aspectos dialetais ou mesmo omissões de palavras, o que nos lembra a necessidade de pontuar que as citações dos antigos não eram *ipsis litteris* como fazemos atualmente com as nossas convenções contemporâneas. Uma vez que as principais divergências textuais devem ser indicadas pelos filólogos em suas edições críticas, precisamos estar atentos aos aparatos que eles disponibilizam e avaliar o julgamento feito quanto à veracidade de suas convicções.

Por fim, espero que este artigo, focado em um exemplo de Ésquines, tenha permitido ao leitor acompanhar uma breve viagem ao longo dos séculos em relação à reprodução textual e à perda de informações sobre os livros da Antiguidade, como também o resgate deles e os percalços filológicos obtidos por sua recomposição. Acredito que tenha conseguido exemplificar esse processo de atribuição de autoria e de como as hipóteses e conjecturas vão se solidificando ao serem encontrados paralelos com outras fontes, um processo que muitas vezes é omitido na leitura dentro da Filosofia, mas *vendido* como certeza pelo trabalho da Filologia (lembrando que as edições críticas costumam ser livros muito caros). A opção que fundamenta esse artigo é a democratização do saber, o qual não deveria se encontrar encerrado no hermetismo filológico. Assim, suponho que o leitor possa ter obtido uma compreensão maior sobre esse constructo que se soma ao longo de vários séculos e, com isso, possa ter obtido uma visão mais crítica a respeito do processo de atribuição de autoria e obra, exemplificado aqui com um fragmento do *Alcibíades* de Ésquines.

Referências

Documentação textual

BARATIN, M. (ed.). *Priscien: Grammaire, Livre XVII, Syntaxe 1. Texte latin, traduction introduite et annotée par le Groupe Ars Grammatica*. Paris: Vrin, 2010.

- BONINO, E. (ed.). *Orationes Aristidis*. Firenze: Philippo de Giuntis, 1517.
- CEPKO, J.; KALAŠ, A.; SUVÁK, V. (ed.). *Aeschinis Socratici Fragmenta*. Bratislava: Univerzita Komenského, 2021.
- CLERICUS, J. (ed.). *Æschinis Socratici Dialogi Tres: Græce et Latine, ad quos accessit quarti Latinum Fragmentum*. Amsterdam: Petrus de Coup, 1711.
- DINDORF, W. (ed.). *Aristides*. Leipzig: Libraria Weidmannia, 1829a. v. 2
- DINDORF, W. (ed.). *Aristides: Ex Recensione*. Leipzig: Libraria Weidmannia, 1829b. v. 3
- DIÓGENES LAÉRCIO. *Vidas e doutrinas dos filósofos ilustres*. Tradução de Mário da Gama Kury. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2008.
- FISCHER, J. (ed.). *Aeschinis Socratici Dialogi Tres: In usum scholarum de novo editit*. Leipzig: Crulliana, 1753.
- FROMMEL, W. (ed.). *Scholia in Aelii Aristidis sophistae Orationes Panathenaicam et Platonicas*. Frankfurt: Broenneri, 1826.
- GASCÓ, F.; VERGER, A. (ed.). *Elio Aristides: Discursos I*. Madrid: Gredos, 1987.
- GIANNANTONI, G. (ed.). *Socratis et Socraticorum reliquiae*. Napoli: Bibliopolis, 1990a. v. 4
- GIANNANTONI, G. (ed.). *Socratis et Socraticorum reliquiae*. Napoli: Bibliopolis, 1990b. v. 2
- GRENFELL, B.; HUNT, A. (ed.). *The Oxyrhynchus Papyri: Part XIII*. London: Egypt Exploration Fund, 1919.
- HERMANN, K. (ed.). *Disputatio de Aeschinis Socratici reliquiis*. Göttingen: Officina Academica Dieterichiana, 1850.
- HILGARD, A. (ed.). *Grammatici Graeci*. Leipzig: Teubner, 1889. v. 4.
- HORREUS, P. (ed.). *Æschinis Socratici Dialogi Tres. De novo recensuit, vertit, et animadversionibus suis auxit Petrus Horreus*. Leeuwarden: Franciscus Halma, 1718.
- JEBB, S. (ed.). *Aelii Aristidis Opera omnia*. Oxford: Theatro Sheldoniano, 1730. v. 2.
- KRAUSS, H. (ed.). *Aeschinis Socratici Reliquiae edidit et commentario instruxit Heinrich Krauss*. Leipzig: Teubner, 1911.
- LENTZ, A. (ed.). *Herodiani Technici Reliquiae*. Leipzig: Teubneri, 1868. v. 2
- LENZ, F.; BEHR, C. (ed.). *Aelii Aristidis opera quae exstant omnia: Orationes I - XVI*. Leiden: Brill, 1976. v. 1.
- MÁRSICO, C. (ed.). *Socráticos: testimonios y fragmentos: Antístenes, Fedón, Esquines y Simón*. Buenos Aires: Losada, 2014. v. 2
- PENTASSUGLIO, F. (ed.). *Eschine di Sfetto: Tutte le testimonianze*. Turnhout: Brepols, 2017.
- PLATÃO. *Górgias*. Tradução de Manuel Pulquério. Lisboa: Edições 70, 1992.
- ROSSETTI, L. (ed.). *Corpus dei papiri filosofici greci e latini Testi e lessico nei papiri di cultura greca e latina*. Parte I: Autori noti. 1. I filosofi. II (Demetrius Phalereus - Musonius Rufus). Firenze: Leo S. Olschki, 1989. v. 1

TRAPP, M. (ed.). *Maximus Tyrius: Dissertationes*. Stuttgart: Teubner, 1994.

TRAPP, M. (ed.). *Orations*. Cambridge: Harvard University Press, 2021. v. 2.

Obras de apoio

BAGNALL, R. *The Oxford Handbook of Papyrology*. Oxford: Oxford University Press, 2011.

CARVALHAR, C. *Tradução contextualizada dos fragmentos do diálogo Alcibíades de Ésquines de Esfeto, o Socrático*. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Letras Clássicas) – Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2023.

CAVALLO, G. *Libros, editores y público en el Mundo Antiguo: guía histórica y crítica*. Madrid: Alianza, 1995.

DICKEY, E. *Ancient Greek scholarship: a guide to finding, reading, and understanding scholia, commentaries, lexica, and grammatical treatises, from their beginnings to the Byzantine period*. New York; Oxford: Oxford University Press, 2006.

DITTMAR, H. *Aischines von Sphettos: Studien zur Literaturgeschichte der Sokratiker*. New York: Arno Press, 1976.

DORANDI, T. Review. *Elenchos*, v. 40, n. 1, p. 223-234, 2019.

FINNEGAN, R. Quotation marks: present, past, and future. In: FINNEGAN, R. *Why do we quote? The culture and history of quotation*. Cambridge: Open Book, 2013, p. 79-111.

IRIGOIN, J. *Le Livre grec des origines à la Renaissance*. Paris: Bibliothèque Nationale de France, 2001.

MÁRSICO, C. Francesca Pentassuglio, Eschine di Sfetto. Tutte le testimonianze. *Philosophie antique. Problèmes, Renaissances, Usages*, n. 19, p. 183-186, 2019.

REYNOLDS, L.; WILSON, N. *Scribes and scholars: a guide to the transmission of Greek and Latin literature*. Oxford: Clarendon Press, 1991.

THOMPSON, E. *Handbook of Greek and Latin paleography*. London: Trübner, 1893.

TURNER, E. *Greek Papyri: an introduction*. Princeton: Princeton University Press, 2016.

WEST, M. *Crítica textual e técnica editorial aplicável a textos gregos e latinos*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2002.